

Novas rotas na migração Sul-Sul O caso dos peruanos no Brasil

*Camila Daniel **

Em novembro de 2011, a BBC-Brasil publicou uma reportagem com um título que me chamou a atenção: “O sonho americano é agora brasileiro”. Ela contava a história de um peruano que saiu de Lima em 2008 tendo como destino São Paulo. Ao rapaz foi oferecida uma oportunidade de emprego na cidade paulista no ramo da costura, com a promessa de que conseguiria receber o suficiente para melhorar sua condição econômica e ainda enviar recursos para sua família no Peru. As esperanças do rapaz foram abaladas pelas duras condições de vida com as quais se deparou no Brasil: uma jornada de trabalho de cerca de 15 horas diárias, um salário muito inferior do que havia sido prometido, instalações de moradia insalubres. A matéria segue contando que o peruano conseguiu regularizar sua situação, encontrou um novo emprego e trouxe sua esposa para morar com ele. Juntos, os dois planejam trabalhar, economizar e voltar para o Peru.

A reportagem continua explicando que, desde os últimos anos da década de 2000, o Brasil tem recebido um crescente número de estrangeiros. Desanimados com a crise na Europa e nos Estados Unidos, eles tomam um novo caminho em direção ao Brasil, o “gigante sul-americano”. Traçando um pequeno panorama da imigração recente, a matéria explica que os estrangeiros no Brasil apresentam predominantemente dois perfis: os que encontram trabalho como profissionais qualificados e altamente especializados, sobretudo nas áreas de tecnologia, ciência e saúde; e os que ingressam em atividades laborais de pouca qualificação e remuneração baixa. No novo fluxo de estrangeiros para o Brasil, sobretudo após a crise de 2008, estão os sul-americanos e entre eles, os peruanos.

* *Doutora em Ciências Sociais (PUC-RJ) e Professora (UFRRJ-ITR).*

Para os peruanos, a imigração é um fenômeno que faz parte do imaginário social e da vida cotidiana, como forma de obter melhores rendimentos, ascensão social, prestígio, autonomia da família e se sentir parte do mundo globalizado (DANIEL, 2013). Os EUA são o principal destino para os peruanos que decidem sair do país, recebendo mais de 50% do fluxo daqueles que vão para o exterior (INEI et al, 2012). O Brasil está longe de figurar nas primeiras posições de países que recebem peruanos. No entanto, casos como o mostrado na reportagem revelam a capacidade dos emigrantes de ampliar seu mapa de possibilidades e realizar seu projeto de migração, processo que não se restringe ao contexto de crise de 2008. A imigração peruana para o Brasil tem uma dinâmica particular, que se inicia em meados do século XX, e, portanto, não deve ser entendida apenas como uma resposta à crise vivida nos países centrais.

Este artigo realizará uma análise exploratória do perfil dos peruanos que escolhem o Brasil como destino, entendendo este como um processo com características singulares. Qual é o perfil dos peruanos que decidem vir para o Brasil? Com quais objetivos chegam? Por que escolhem o Brasil? Estas são as principais perguntas que guiarão este trabalho. As respostas para tais perguntas serão construídas através do trabalho de campo etnográfico que realizei no período de julho de 2011 a dezembro de 2012 com peruanos que vivem no Rio de Janeiro e de pesquisa bibliográfica em trabalhos sobre a imigração peruana em outras partes do país. Estas perguntas poderão nos mostrar as novas conexões intrarregionais que permitem a construção de rotas alternativas para aqueles que desejam sair do país, e que, por motivos econômicos, políticos, sociais ou culturais, optam por um destino que está mais próximo geograficamente do Peru e onde a presença peruana ainda não é tão numerosa.

O Peru e a construção de uma “cultura de migração”

Enrique chegou ao Rio de Janeiro em 1996, para começar os estudos universitários. Hoje, com 32 anos, ele continua morando na cidade. Nasceu em Cusco, na serra sul do país, mas se mudou com a família para Tacna, na Costa Sul¹, onde seu pai conseguiu um emprego como professor. Assim como ele, muitas outras famílias peruanas têm um histórico de migração interna. Desde os anos 1940, o Peru passou por um processo de transição quanto à distribuição da população entre cidade e campo, perdendo um crescente número de populações rurais que migravam para cidades, principalmente as localizadas na Costa, região mais próspera do país, em busca de melhores oportunidades de vida.

A tendência à urbanização foi se confirmando ao longo das décadas posteriores, até que em 1993, a população urbana já correspondia a 70,1% do total da população do Peru. No censo populacional de 2007, esta porcentagem continuou a crescer, com a população urbana chegando a 75,9% do total nacional (INEI, 2012). A principal rota percorrida pelos migrantes internos é da Serra rumo às maiores cidades da Costa, como a capital, Lima. A migração se difundiu tão amplamente pelo país que se tornou parte da sociedade peruana como um todo, influenciando toda sociedade. Muitos peruanos que nunca

migraram convivem cotidianamente com a experiência migratória de seus pais e avós, que conservam na cidade hábitos e práticas de seus locais de origem, como a culinária, as festas, o modo de falar.

Enquanto nos anos 1940 as migrações internas provocaram significativas mudanças na organização social do Peru, a partir da década de 1980, foi a emigração que marcou o país. Até a década de 1970, ir para o exterior era um hábito compartilhado pelas elites peruanas, que viam na experiência internacional uma forma de renovar seu prestígio (ALTAMIRANO, 2000; 2006). Entre as décadas de 1910 e 1940, viajar para o exterior representava um rito de passagem para os membros da oligarquia peruana (ALTAMIRANO, 2000, p. 23). Foi este também o período em que se iniciou a emigração dos primeiros trabalhadores peruanos para os EUA que se inseriram no setor industrial (ALTAMIRANO, 2000, p. 24). Nas décadas de 1950 e 1960, aos fluxos anteriores das elites e trabalhadores rumo aos EUA se somou o das classes médias – profissionais liberais, empresários médios e estudantes. Na década de 1960, alguns peruanos também emigram para a Venezuela, se inserindo na atividade petrolífera (ALTAMIRANO, 2006, p. 116), e para a Argentina, para realizar estudos de nível superior, e muitos deles continuaram lá depois de formados (PAERREGAARD, 2008).

Nos anos 1970, diante da política de nacionalização da economia implementada pelos governos de Velasco e Bermúdez, um crescente número de técnicos, profissionais e empresários das classes médias peruanas começaram a identificar na emigração uma alternativa para manter sua posição social e econômica. Apesar do aumento do número de peruanos que saíram do país na década de 1970, foi nas duas décadas posteriores que a emigração se consolidou como um fenômeno de massa, abarcando desde as classes altas até as baixas, as populações urbanas e também rurais, com diferentes níveis de escolaridade. Nos anos 1980, o Peru enfrentou uma profunda crise econômica e política (LUQUE, 2009), que levou a um contínuo recrudescimento das condições de vida. Este quadro de crise econômica, desemprego e violência política, somado a uma já existente experiência de migração interna, criaram as condições que impulsionaram tantos peruanos a deixar o país. Enrique analisa que, se por um lado, a emigração em massa está relacionada à conjuntura política e econômica do Peru, ela também se estrutura na experiência prévia de migração que muitos peruanos já tinham vivido dentro do próprio país décadas antes. A este fenômeno, Enrique chama de “cultura de migração”:

...houve uma cultura da migração no Peru. Isso já vem desde a época, na verdade, da migração interna. Você vê como se esvaziou a população rural, andina, a partir dos anos 1950, 1960... Lima é um caso: 1/3 do país é Lima! Já há um histórico de migração na família... Você sabe, né... Lima, Arequipa, Tacna têm muito punenhos, cusquenhos... então, [migrar] não é uma coisa estranha. Faz parte! Todo mundo migrou. Pra quem já tinha vindo de Cusco e Puno, [emigrar] é mais um lugar na escala (Enrique).

Como Enrique esclarece, muitos dos peruanos que saíram do país a partir dos anos 1980 já haviam vivido um processo de migração interna do campo para a cidade, da Serra para a Costa. Para eles, a emigração se tornou mais uma etapa na sua trajetória em busca de melhores condições de vida. Em vários casos, ela se estruturou com base nos mesmos tipos de estratégias de sobrevivência desenvolvidas na migração interna, como o apoio oferecido pelas redes e pelo capital social. Um dado importante a ser considerado é que a emigração não substitui a migração interna, como se fosse um processo evolutivo e etapista na mobilidade populacional no Peru. Na fase de expansão da emigração, a migração interna continuou sendo um importante fenômeno para a realidade peruana, abrindo novos horizontes de possibilidades para os atores envolvidos (PAERREGAARD, 2010), através, por exemplo, da manutenção de relações de reciprocidade entre membros de comunidades rurais, os migrantes internos e os emigrantes (ALTAMIRANO, 2006; ÁVILA, 2003).

A emigração é atualmente reconhecida como fundamental para o Peru, não apenas pelo número de peruanos que vivem no exterior, mas também pelas conexões que eles mantêm com o país mesmo quando estão longe fisicamente. Segundo estimativas (INEI et al, 2012), no período de 1990 a 2011, mais de 2 milhões de peruanos emigraram. Mesmo no exterior, muitos deles continuam a participar de esferas da vida peruana, através, por exemplo, do envio de remessas. No período de 1990 a 2009, estimou-se que o Peru recebeu mais de \$18 bilhões de dólares em remessas do exterior (INEI, 2010), contribuindo com a renda de famílias peruanas, muitas delas em situação de pobreza (ALTAMIRANO, 2010) e aquecendo o debate sobre o impacto dos emigrantes para a vida social e econômica do Peru.

A imigração peruana no Brasil

Embora, nas raras vezes que é noticiada, seja retratada como um fenômeno novo associado à visibilidade que o Brasil alcançou nos últimos anos e à atual imigração de americanos e europeus, que buscam o país para escapar da crise nos países desenvolvidos – como retratou a reportagem da BBC – a imigração peruana no Brasil segue uma dinâmica particular. No Brasil, os peruanos chamaram a atenção quando, na anistia de 2009, ocuparam o terceiro lugar entre as nacionalidades que mais obtiveram a legalização, atrás dos bolivianos e chineses. Além disso, a imigração peruana tem apresentado um significativo aumento nas últimas décadas. Segundo dados do censo do IBGE, os peruanos residentes no Brasil eram 2.500 em 1960; 5.831 em 1990, alcançando o número de 10.814 no ano de 2000.

Apesar dos limites que os dados do Censo apresentam – como, por exemplo, apenas incluir os estrangeiros alcançados pela amostra da pesquisa domiciliar –, eles revelam um crescente aumento da população peruana no Brasil. Segundo os mesmos dados, os peruanos estão em sexto lugar entre os latino-americanos residentes no Brasil, atrás dos paraguaios (28.822), argentinos (27.531), uruguaios (24.740), bolivianos (20.388) e chilenos (17.131) (CELADE, 2012). Apesar disso, a

imigração peruana continua recebendo pouca atenção pública. Um esforço para preencher esta lacuna vem sendo realizado por pesquisadores tais como Silva (2008; 2011a; 2011b), Rufino (2011; 2013) e Oliveira (2006; 2008a; 2008b), os quais reconhecem a vitalidade da dinâmica migratória internacional na região amazônica e a participação de peruanos nesse processo.

Silva (2011b), por exemplo, nota que a presença peruana tem sido crescente no contexto urbano brasileiro desde 1950, se inserindo no mercado de trabalho em múltiplos ramos como o comércio, a educação, a saúde, a gastronomia, entre outros. Em cidades amazônicas como Manaus (AM) e Boa Vista (RR), a presença peruana é mais recente, remontando às décadas de 1980 e 1990, intensificando-se nos anos 2000. Os peruanos que migram para a região amazônica têm como predominante as seguintes características: são homens, entram no país pela Amazônia peruana, já migraram internamente, transitam por diferentes cidades do norte do Brasil, muitas vezes com destino a outros países, como a Venezuela (RUFINO, 2013). São oriundos de Iquitos, Yurimaguas e Pucallpa (OLIVEIRA apud SILVA, 2011a), cidades da selva peruana, mas também de outras partes do país, como Lima e Cusco. A tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia é a sua principal entrada (SILVA, 2011a) e o comércio informal a principal atividade econômica, pois não exige qualificação ou documentação (RUFINO, 2013; SILVA 2011a; 2011b; OLIVEIRA, 2006).

As cidades brasileiras próximas à fronteira com o Peru e a Colômbia também recebem um significativo número de peruanos qualificados que trabalham no ramo da saúde. Apesar de encontrar emprego no Brasil, eles trabalham em condições precárias, recebendo salários mais baixos que os médicos brasileiros. Para os peruanos, revalidar seus diplomas no Brasil e obter registro no Conselho Regional de Medicina é uma tarefa árdua, mesmo quando estão com sua condição regularizada (SILVA, 2011a). Por isso, os médicos peruanos encontram grandes dificuldades de exercer a profissão nos mesmos termos que os médicos brasileiros.

Em Manaus, os peruanos encontram um mercado de trabalho mais diversificado do que nas cidades próximas à fronteira. Além do comércio informal, em Manaus eles também se envolvem em atividades como a gastronomia, a música, profissões liberais, no ensino do idioma ou ainda chegam como estudantes em nível de pós-graduação. Em Boa Vista e Pacaraima, cidades do estado de Roraima, os imigrantes peruanos se inserem no mercado de trabalho local nos mesmos ramos de atividades que em Manaus, predominando entre eles o perfil de homens e mulheres com idade entre 20 e 35 anos, com ensino médio completo (RUFINO, 2011; SILVA, 2011b).

Em São Paulo, há peruanos que se juntam aos bolivianos no ramo da costura (SILVA, 1997). Outros atuam na venda ambulante de artigos variados como brincos, pulseiras, lenços, chapéus. No centro da cidade, a Praça da República se constitui um local estratégico para muitos peruanos que por ali trabalham e vivem. Aí residem muitos daqueles que trabalham no entorno, conferindo à região uma dinâmica particular, com, por exemplo, restaurantes especializados em

comida peruana. São Paulo também é o destino escolhido por peruanos ligados à produção artística e também estudantes de graduação e pós-graduação e profissionais liberais. Silva (2003) observou que os peruanos compunham o grupo mais numeroso de hispano-americanos em cursos de pós-graduação da USP, somando 193 estudantes. Os estudantes peruanos na USP, inclusive, formaram uma associação, que mantém uma lista de debate pela internet e através da qual alguns peruanos se reúnem semanalmente para jogar futebol. Muitos deles continuam no Brasil depois de concluírem seus cursos. Piedad, por exemplo, é engenheira química e há 13 anos veio para a USP cursar a pós-graduação. Ela decidiu continuar em São Paulo, pois conseguiu mais reconhecimento profissional no campo da pesquisa acadêmica do que teria no Peru.

As mulheres peruanas encontram ainda oportunidades de trabalho como empregadas domésticas em diferentes partes do Brasil, como noticiado por um telejornal em 14 de setembro de 2011. A abertura de um mercado de trabalho no serviço doméstico, que emprega prioritariamente mulheres, possibilitou a expansão da participação de peruanas na imigração em países como EUA, Espanha, Argentina e Chile (ALMAN, 2009; COURTIS e PACECCA, 2010; ESCRIVÁ, 2000; HOLPER e NUÑEZ, 2005). Na análise de um grupo de empregadas domésticas peruanas em Brasília, Dutra (2012) observou que parte significativa delas já tinha vivido uma migração interna, da Serra para Costa, e emigraram para aumentar os rendimentos econômicos. Muitas delas enviam parte de seus salários para sustentar a família que ficou no Peru e sonham que, com as remessas, poderão custear a educação de seus filhos. Sua esperança é que com o ensino superior seus filhos terão um emprego mais qualificado e bem remunerado do que o delas.

A imigração peruana no Rio de Janeiro

A presença peruana ocupa um lugar no imaginário da cidade, principalmente através de duas figuras: os vendedores ambulantes e os músicos de instrumentos andinos. Os músicos, principalmente, ocupam um lugar folclórico no imaginário carioca: muitos deles costumavam usar trajes que remetiam a uma idealização do indígena, o que às vezes incluía vestimentas decoradas e adornos com penas coloridas. O repertório geralmente inclui canções de grande sucesso no Brasil, como, por exemplo, a música trilha do filme Titanic, tocadas com instrumentos tradicionais andinos, como as flautas zapoña e quena.

Apesar da imagem reduzida que muitos brasileiros têm sobre os peruanos, eles não conformam um grupo homogêneo. Ao contrário, eles apresentam um perfil profundamente diversificado e heterogêneo. A vinda de peruanos para o Rio de Janeiro tem assumido duas tendências principais: de um lado, a cidade recebe peruanos cujo principal objetivo é o trabalho – qualificado ou não – e, de outro, ela recebe peruanos atraídos pelas oportunidades de estudo e pesquisa. Como em outras partes do Brasil, já na década de 1960, alguns peruanos vieram para a região metropolitana do Rio de Janeiro estudar ou trabalhar. Um exemplo desse primeiro movimento é Antonio. Em meados da década de 1960, ele saiu do Peru para terminar sua graduação em Agronomia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Quando se formou, ele optou por continuar no Brasil, onde se casou com uma brasileira e teve filhos.

Os estudantes universitários e profissionais qualificados formam uma parte significativa da população peruana no Rio de Janeiro. Os estudantes que chegam à cidade para fazer a graduação ou a pós-graduação apresentam como perfil predominante o fato de serem jovens, com idade entre 16 e 32 anos, solteiros, homens, oriundos das áreas urbanas peruanas. Originários das classes médias e baixas, alimentam a expectativa de que a mobilidade estudantil abra mais e melhores oportunidades de emprego no Peru, no Brasil ou em outros países do mundo (DANIEL, 2013). Depois de formados, muitos continuam a morar no Rio de Janeiro, se inserindo em campos de trabalho como: ensino em universidades públicas e privadas; pesquisa em centros de excelência; ensino da língua espanhola. Os peruanos que já chegam ao Rio de Janeiro como profissionais estão inseridos, principalmente, nas áreas de tecnologia e de saúde. Recentemente, o ingresso de peruanos na área de produção de petróleo tem chamado a atenção, porém, muitos deles não chegam a estabelecer residência no Rio de Janeiro.

Numa recente conversa informal com o cônsul adjunto do Peru no Rio de Janeiro, ele comentou que a população peruana na região em que o consulado atua – estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo – é altamente qualificada e está no país em condição regular. Atualmente, o consulado tem cerca de 5 mil peruanos devidamente registrados, em sua maioria profissionais qualificados e estudantes universitários. O cônsul comentou ainda que a população peruana atendida pelo consulado da região da Bahia tem um perfil muito parecido com a do Rio de Janeiro, predominando lá também estudantes e profissionais qualificados.

Os peruanos residentes no Rio de Janeiro há dez ou mais anos, na sua maioria são imigrantes documentados, independente da sua condição social. Durante sua permanência no Rio de Janeiro, eles buscaram diferentes estratégias para regularizar seu status legal, conseguindo a permanência ou optando pela naturalização. As três principais maneiras encontradas para obter a regularização foram: através de um visto de trabalho, do casamento com cônjuge brasileiro ou do nascimento de um filho no Brasil. O engenheiro Rodrigo e o ex-jogador de futebol Ronaldo são dois irmãos que vieram para o Rio de Janeiro nos anos 1990 trabalhar na confecção e venda ambulante de roupas esportivas. Ambos decidiram ter um filho no Brasil para regularizar sua condição legal. Outro caso é o do casal Aldo e Ana. Eles também trabalham no Rio de Janeiro como vendedores ambulantes, chegaram à cidade no final dos anos 1990 e obtiveram a regularização através da filha. Eles vieram para o Brasil com o objetivo de juntar dinheiro para terminar os estudos e seguir uma carreira profissional. Ele cursava a graduação em Antropologia e ela curso técnico de Enfermagem. Os planos iniciais não deram certo, por isso, eles decidiram continuar no Rio de Janeiro.

Os casos de Ronaldo, Rodrigo, Aldo e Ana mostram que, muitos peruanos que no Rio de Janeiro trabalham em atividades informais têm escolaridade elevada e estão na cidade de maneira regular. Por outro lado, não são apenas os peruanos que vão para o Rio de Janeiro em busca de trabalho que encontram como principal forma de obter o visto permanente no Brasil casar-se com um/a brasileiro/a ou ter um filho no Brasil. Muitos peruanos que chegaram ao Rio

de Janeiro como estudantes universitários quiseram prolongar sua estadia no Brasil depois de formados e também obtiveram o visto permanente através do casamento ou do nascimento de filho em solo brasileiro. Grande parte dos peruanos, seja os que chegaram ao Brasil como estudantes, seja os que chegaram como trabalhadores, não conseguiram o visto permanente por outras vias, como, por exemplo, através do trabalho. Esta realidade se deve à lei de estrangeiros em vigor no Brasil, que elaborada em 1980 no contexto da ditadura militar segundo o princípio da segurança nacional, privilegia a regularização de estrangeiros que comprovem seu potencial de investir economicamente no Brasil e pretere a perspectiva dos direitos humanos, que reconhece a mobilidade internacional como um direito.

Em 2009, os peruanos que ainda estavam em situação irregular no Brasil puderam solicitar o visto permanente pela anistia realizada pelo governo brasileiro. Desde 2012, os peruanos que desejam permanecer no Brasil podem solicitar o visto através do acordo sobre residência do Mercosul. Segundo o Consulado Geral do Peru no Rio de Janeiro, cerca de 700 peruanos haviam solicitado o visto de residente nesta seção consular. A metade dos pedidos foram de peruanos já residentes no Rio de Janeiro, alguns dos quais possuíam visto temporário – como o de estudante – e outros que estavam sem visto.

Considerações Finais

A imigração peruana em todas as partes do Brasil é caracterizada pela sua heterogeneidade. Os que vivem no Brasil são oriundos de diferentes regiões do Peru e se inserem no mercado de trabalho principalmente de duas formas: como comerciantes informais ou como profissionais qualificados, principalmente nas áreas de Engenharia e Medicina. Outros ramos no mercado de trabalho brasileiro em que os peruanos se inserem são o da costura, do ensino de idiomas e, no caso das mulheres, do trabalho doméstico.

Uma característica marcante da imigração peruana é sua escolaridade elevada, sobretudo em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, em que, mesmo quando inseridos em atividades de baixa qualificação, apresentam o ensino médio completo ou algum nível de ensino pós-médio. A educação é também um dos principais motivos que impulsionam muitos peruanos a sair do país. Alguns deles vêm para o Brasil como estudantes – de graduação e pós-graduação –, alimentando a expectativa de que um diploma estrangeiro abra mais possibilidades que um diploma nacional. Outros têm a expectativa de que, com o salário que ganham no Brasil, poderão investir na educação de seus filhos, que ficaram no Peru. Todos têm na educação a esperança de ascender socialmente.

Nota

1 - Tradicionalmente, o Peru é representado como dividido por três grandes regiões geográficas: Serra, Costa e Selva. Na costa está localizada a capital Lima e as maiores cidades do país. Na Serra está localizada Cusco, famosa por ter sido a capital do Império Inca e por abrigar Machu Picchu.

Referências

- ALMAN, L. Dreams and reality of Peruvian Domésticas in Santiago, Chile. In: LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION CONGRESS, 27, 2009. *Anais*. Rio de Janeiro: PUC-RJ. 2009.
- ALTAMIRANO, T. *Liderezgo y organizaciones de peruanos en el exterior: cultura transnacionales e imaginários sobre el desarrollo*. v. 1. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2000.
- ALTAMIRANO, T. *Remesas y nueva "fuga de cérebros": impactos transnacionais*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2006.
- ÁVILA, J. Lo que el viento (de los Andes) se llevó: diásporas campesinas en Lima y los Estados Unidos. In: DEGREGORI, C. I. (ed.). *Comunidades locales y transnacionales: cinco estudios de caso en el Perú*. Lima: IEP, 2003, p. 167-262.
- CELADE. Consulta eletrônica. Disponível em: <<http://www.eclac.cl/celade/migracion/imila/>>. Acesso em: 13 jun. 2012.
- COURTIS, C.; PACECCA, M. I. Género y trayectoria migratoria: mujeres migrantes y trabajo doméstico en el Área Metropolitana de Buenos Aires. *Papeles de Población*, v. 16, n. 63, p. 155-185, 2010.
- DANIEL, C. *P'a crece en la vida: a experiência migratória de jovens peruanos no Rio de Janeiro* (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2013.
- DUTRA, D. S. M. *Mulheres migrantes peruanas em Brasília*. O trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Sociologia, UnB, Brasília, 2012.
- ESCRIVÁ, Á.. ¿Empleadas de por vida? Peruanas en el servicio doméstico de Barcelona. *Revista de Sociología*. n. 60, p. 327-342, 2000.
- HOLPER, D.; NUÑEZ, L. "En el Peru, nadie se muere de hambre": pérdida de peso y prácticas de alimitación entre trabajadoras domésticas en Chile. In: PAERREGAARD, K.; BERG, U. (ed.). *El Quinto Suyo: transnacionalidad y formaciones diaspóricas en la migración peruana*. Lima: IEP, 2005. p 291- 314.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y INFORMÁTICA (INEI). *Notas de prensa*. n. 167, Dezembro de 2010.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y INFORMÁTICA (INEI) et al. *Perú: estadísticas de la emigración internacional de peruanos e inmigración de extranjeros, 1990-2011*, OIM: Lima, 2012.
- LUQUE, J. C. Los refugiados peruanos y sus asociaciones políticas en Santiago de Chile (1990-2006). *E.I.A.L.* v. 20, n. 1, p. 93-116, 2009.
- OLIVEIRA, M. M. de. A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, p. 183-196, 2006.
- OLIVEIRA, M. M. de. Feminização e vulnerabilidades da migração internacional na Tríplice Fronteira Brasil, Peru e Colômbia. In: Simpósio Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. 8, 2008a. *Anais eletrônicos*. UFSC: Florianópolis, 2008a. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST19/Marcia_Maria_de_Oliveira_19.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2013.
- OLIVEIRA, M. M. de. Migrações Fronteiriças: uma reflexão necessária no Amazonas. In: Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil, 5, 2008. *Anais eletrônicos*. Salvador, 2008b. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/public_mig_fro_ref.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2013.

- PAERREGAARD, K. *Peruvians dispersed: a global ethnography of migration*. Plymouth: Lexington books, 2008.
- PAERREGAARD, K. The show must go on: the role of Fiestas in Andean transnational migration. *Latin American Perspectives*, v. 37, n. 5, p. 50-66, 2010.
- RUFINO, A. Narrativas de peruanos vendedores ambulantes que vivem em Boa Vista-RR. In: Simpósio Nacional de História, 26, 2011. *Anais*. São Paulo, 2011.
- RUFINO, A. A migração de peruanos para a Amazônia Brasileira: uma discussão sobre redes migratórias, fronteiras e identidades. *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos*, v. 12, n. 2, p. 63-84, 2013.
- SILVA, S. *Costurando Sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- SILVA, S. Imigrantes hispano-americanos em São Paulo: perfil e problemática. In: Boucault, C. E. de A. e Malatian, T. (orgs.). *Políticas migratórias: fronteiras dos direitos humanos no século XXI*. Rio de Janeiro e São Paulo: Renovar, 2003.
- SILVA, S. Nacionalidade e etnicidade na Tríplice Fronteira Norte. *Cadernos CERU*, v. 19, n. 1, p. 33-48, 2008.
- SILVA, S. Migração Internacional Recente no Amazonas: O caso dos Hispano-americanos. *Contexto Internacional*, v. 33, n. 1, p. 155-177, 2011a.
- SILVA, S. Peruanos em Manaus, Boa Vista e Pacaraima: trajetórias e processos identitários. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. *Anais eletrônicos*. Salvador: UFBA, 2011b.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a dinâmica de mobilidade dos peruanos para o Brasil. Analisando seu perfil e as principais motivações que os impulsionam a ir para o exterior, indica-se que, ao contrário do que o senso comum imagina, a população peruana no Brasil é diversa e heterogênea, incluindo desde trabalhadores em atividades informais, até profissionais altamente qualificados, oriundos das mais diferentes partes do país, com múltiplos níveis de escolaridade, que (re)produzem uma «cultura de migração». O artigo se baseia em pesquisa bibliográfica e no trabalho de campo realizado com peruanos no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: peruanos; Brasil; mobilidade internacional.

ABSTRACT

This article aims to be a reflection on the mobility dynamic of Peruvians to Brazil. Analyzing their profile and the main reasons that propel them to go abroad, the paper indicates that, very different from what the common sense usually imagine, Peruvian population in Brazil is diverse and heterogeneous, including workers in informal activities and also high-qualified professionals. Coming from different parts of their country and holding multiple levels of educations, Peruvians (re)produce a “culture of migration”. This paper is based on bibliographic research and fieldwork conducted among Peruvians in Rio de Janeiro.

Keywords: Peruvians; Brazil; international mobility.

Keywords: peruvians; Brazil; international mobility.